



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11818 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

O produto artesanal docente: entre práticas pedagógicas e o trabalho intelectual
 Silvia Regina de Jesus Costa - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE
 FEDERAL DE MINAS GERAIS

Aline Neves Rodrigues Alves - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

O produto artesanal docente: entre práticas pedagógicas e o trabalho intelectual

As relações étnico-raciais presentes em escolas são o contexto desta ação e a análise da experiência é o nosso produto artesanal intelectual. Apresentamos problematizações acerca de nossas práticas pautadas em atividades próprias do campo científico da Educação para as Relações Étnico-raciais. Para realizar as reflexões, partimos de nossa vivência: duas profissionais negras da Educação básica pública que atuam no Ensino Fundamental I e II. Identificamos, em nossa prática, momentos de reflexões e re-construções identitárias dos/as estudantes via interface com o interacionismo simbólico.

Nesse sentido, a metodologia utilizada se credencia na produção de um trabalho intelectual, inspirado na teoria de Wright Mills (2009), sobre o artesanato intelectual. O autor retrata que a produção do trabalho de escrita — aqui à luz de professoras e pós graduandas — é tecida diariamente a partir das experiências diárias, a “ciência social é a prática” (MILLS, 2009, p. 20). Como esperado, os detalhes da composição dos fenômenos são observados, anotados e refletidos na relação produto e produtor (MILLS, 2009, p. 60).

A primeira experiência escolar que destacamos foi realizada com crianças do Ensino Fundamental I, terceiro ano do primeiro ciclo. A atividade foi realizada em duas turmas, com crianças heteroidentificadas majoritariamente negras (pardas e pretas) e outra turma heteroidentificada, em sua maior parte, com crianças brancas. A prática teve como material didático o uso do livro Infante-juvenil **O menino coração de tambor**, de Nilma Lino Gomes (2013). A exploração se deu pela leitura, manuseio, observação das ilustrações por meio das

crianças. No período de dois meses, as turmas tiveram acesso ao conteúdo do livro, que trata da história de um garoto, membro de uma família negra, que aprendeu a tocar tambor.

A forma como os/as estudantes reagiam e produziam identificações, ou não, com a personagem principal do livro, por meio da valorização das famílias, dos hábitos e das vivências religiosas negras, nos instigou. O que possibilitou uma análise reflexiva da prática sobre a produção das identidades das crianças nas interações escolares. Entre os resultados, temos entre as turmas relatos sobre as ilustrações, as suas identificações com as tradições e costumes familiares que fazem uso de tambores, a realização de pinturas com marcadores fenotípicos negros; a produção de adereços para ambientes com interatividades festivas e a cultura alimentar específica. Acreditamos que a ludicidade possui importância nas interações e aprendizagens sobre as diferenças, numa perspectiva da valorização dos/as estudantes.

Já a segunda experiência trata-se de um conjunto de práticas realizadas no Ensino Fundamental II, com estudantes de 12 anos de idade no sétimo ano, que aprenderam a fazer a audiodescrição a partir de um projeto pedagógico construído sobre deficiências e diversidade humanas. Durante essa atividade, os/as estudantes convidavam pessoas de suas comunidades com algum tipo de deficiência para narrarem as suas histórias e serem arguidas. Com a presença de uma jovem advogada negra e produtora de conteúdo na internet, aprendemos a realizar cotidianamente a nossa narrativa, sendo a identidade racial, a princípio, um fator secundário no início desta experiência pedagógica. No entanto, veremos que o pertencimento racial nessas turmas, a partir do ensino remoto emergencial estabelecido em função da Pandemia COVID-19, tornou-se um elemento singular na prática de interação nas aulas virtuais de Geografia.

As ações aqui brevemente relatadas tinham como objetivo contribuir para a formação identitária de orgulho entre os estudantes e, na produção, bem como a valorização das diferentes identidades, conforme preconizado pelas Diretrizes Curriculares da Educação para as Relações Étnico-Raciais (BRASIL, 2004). Já as análises dizem respeito às diferenças raciais, percepções baseadas nas semelhanças com relação ao fenótipo e, a partir do conhecimento que possuímos da comunidade escolar, nas percepções sobre as desigualdades sociais ancoradas no preconceito e nos estigmas raciais. Além disso, entendemos que a perspectiva da “interação simbólica”, proposta por Blumer (1962; 2018), propõe-nos uma compreensão das relações entre os indivíduos nos espaços, a partir dos significados atribuídos à interatividade.

Sendo assim, observamos que as expressões dos sujeitos, tais como os sentimentos e as ações em interatividade, são (re)significadas quando acionamos o pertencimento étnico-racial. E compõem a cena vivida por meio das subjetividades, que também se constituem em constantes e dinâmicas trocas com o meio, a interatividade. Entre os resultados, observamos que os estudantes negros denotam socialmente as diferenças e estão implicados com as marcas, estigmas, estereótipos. Assim como, demandam por ações estratégicas de produção, de transformação e de modificação das relações sociais pré-determinadas. Especialmente

aquelas ocorridas por opressões no ambiente físico da escola ou em ambiente virtual.

As estratégias procedem das percepções, de um ponto de vista, de um lugar da interação da consciência de si com o meio. Não por um acaso, os/as estudantes que sofrem tais estigmas na escola sofrem as consequências da discriminação. Relacionado a isso, entendemos que a “palavra discriminar significa “distinguir”, “diferençar”, “discernir”. A discriminação racial pode ser considerada como a prática do racismo e a efetivação do preconceito. (...) Já a discriminação racial direta seria aquela derivada de atos concretos de discriminação, em que a pessoa discriminada é excluída expressamente em razão de sua cor. No entanto, temos a discriminação indireta que “não oriunda de atos concretos ou de manifestação expressa de discriminação por parte de quem quer que seja, mas de práticas administrativas, empresariais ou de políticas públicas aparentemente neutras, porém dotadas de grande potencial discriminatório” (TEIXEIRA, 1992, p. 22 apud GOMES, 2004, p. 55).

Podemos afirmar que as práticas pedagógicas, objeto de nossa análise, possibilitou a emergência de uma ação que realiza a distinção, a discriminação, no entanto positiva desse pertencimento étnico-racial. Ou seja, entre as estratégias de discriminação, temos aquelas que poderão ser nomeadas como positivas e baseadas nos documentos pedagógicos produzidos a partir da Lei nº 10.639/2003, que altera a Lei de Diretrizes e Bases de 1996. No o exercício de “divulgação e produção de conhecimentos, [n]a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial — descendentes de africanos, povos indígenas, descendentes de europeus, de asiáticos — para interagirem” (BRASIL, 2004, p. 10) diante do direito às suas identidades valorizadas. Dessa forma, compete ao pesquisador/a em seu artesanato intelectual interpretar as interações sociais de produção da discriminação identitária. Entendendo seu papel ativo na mediação e na produção de práticas afirmativas para a equidade entre os grupos que possuem disparidades sociais e históricas entre si.

Palavras-chaves: Prática pedagógica; Educação étnico-racial; Identidade negra.

Referências

BLUMER, Herbert. A sociedade concebida como uma interação simbólica. In: BIRNBAUM, Pierre; CHAZEL, François. **Teoria Sociológica**. São Paulo: Hucitec, 1977. p. 36-40.

BRASIL. Ministério da Educação/Secad. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica. Brasília-DF, outubro de 2004.

GOMES, Nilma Lino. Alguns Termos e Conceitos Presentes no Debate Sobre Relações raciais no Brasil uma Breve Discussão. In: **EDUCAÇÃO anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. SECAD, Brasília-DF, 2005. p. 39-61.

MILLS, C. Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.